



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FARMÁCIA
CURSO DE FARMÁCIA**

LUCAS ERMANDO RICARDO DA SILVA

**ESTUDO ETNOBIOLÓGICO NA COMUNIDADE CARACOLZINHO,
GADO BRAVO - PB**

**CAMPINA GRANDE
2020**

LUCAS ERMANDO RICARDO DA SILVA

**ESTUDO ETNOBIOLÓGICO NA COMUNIDADE CARACOLZINHO,
GADO BRAVO - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Farmácia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Farmácia.

Área de concentração: Fitoterapia

Orientador: Prof. Dr. Thúlio Antunes de Arruda

**CAMPINA GRANDE
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Lucas Ermando Ricardo da.
Estudo etnobiológico na Comunidade Caracolzinho, Gado Bravo - PB [manuscrito] / Lucas Ermando Ricardo da Silva. - 2020.
49 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Thúlio Antunes de Arruda, Departamento de Farmácia - CCBS."
1. Etnobiologia. 2. Conhecimento tradicional. 3. Fitoterapia.
4. Plantas medicinais. I. Título
21. ed. CDD 615.321

LUCAS ERMANDO RICARDO DA SILVA

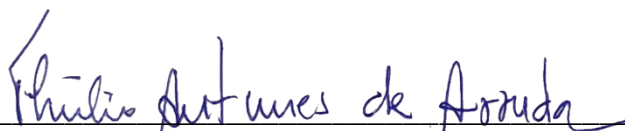
ESTUDO ETNOBIOLÓGICO NA COMUNIDADE CARACOLZINHO,
GADO BRAVO - PB

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentando à Coordenação do Curso de
Farmácia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Farmácia.

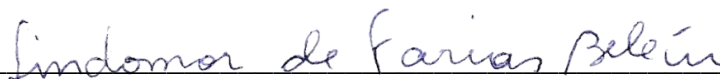
Área de concentração: Fitoterapia

Aprovado em: 11/11/2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Thúlio Antunes de Arruda (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Lindomar de Farias Belém
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Élide Barbosa Corrêa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me presenteado com inúmeras conquistas, pela concretização desse ciclo, pela oportunidade em cursar Farmácia e pela força para que eu conseguisse superar os desafios a cada dia.

Aos meus pais, Maria José e Hermano pelos ensinamentos de caráter e humildade. Especialmente à minha mãe, por sempre ter acreditado em mim e me incentivado a nunca desistir, por todo o apoio emocional durante os momentos difíceis que eu enfrentei durante o curso.

Aos meus irmãos, Janaína, Isabel, Guia, Rosângela, Delma e Denivaldo por toda confiança depositada e apoio.

Aos meus sobrinhos, principalmente a Nathalia que considero como minha irmã caçula, por toda palavra doce de conforto, trazendo leveza e descontração nos dias ruins.

Ao meu orientador Prof. Dr. Thúlio Antunes de Arruda, pessoa na qual admiro profundamente, pela amizade, humildade, ensinamentos, simplicidade e pelo carinho demonstrado durante os anos.

Aos membros da banca, Profa. Dra. Lindomar de Farias Belém e a Profa. Dra. Élide Barbosa Corrêa, por terem aceitado o convite.

Às amigas construídas, Flávia, Gerlane, Genilza, Jayne, Mirelly e Raquel, pelo acolhimento, altruísmo, cumplicidade, conselhos e inúmeros momentos engraçados.

À UEPB pelo apoio financeiro, possibilitando que continuasse me dedicando ao curso e permitindo a realização dessa pesquisa.

Aos moradores do Sítio Caracolzinho pela hospitalidade e gentileza em participarem dessa pesquisa.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente participaram desse momento único na minha vida, o meu muito obrigado!

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.

Paulo Freire

RESUMO

Os estudos etnobiológicos abordam a percepção ambiental, buscando identificar as interações das pessoas com os recursos ambientais, tais como plantas e animais, através do conhecimento que as pessoas adquiriram ao longo do tempo sobre esses recursos. Esse conhecimento é de suma importância nas culturas tradicionais das sociedades rurais e indígenas em todo o mundo. Em razão da pouca disponibilidade de recursos financeiros para o deslocamento até a cidade mais próxima, elevado custo de consultas médicas e a compra de medicamentos em farmácias convencionais. O estudo pretende conhecer as memórias e os saberes tradicionais sobre plantas e animais da comunidade Caracolzinho no município de Gado Bravo-PB. A metodologia empregada foi fundamentada na pesquisa quali-quantitativa, na qual se dedica mais aos aspectos qualitativos, porém, sem desprezar os quantitativos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os moradores locais. A comunidade Caracolzinho, apresenta uma grande área rural, além de uma pequena porção pavimentada, situada na região central da localidade. 18 pessoas foram entrevistadas. O sexo feminino apresentou uma maior predominância com 83% (n=15). A faixa etária situou-se nos intervalos entre 65-70 e 75-80 anos de idade 22,30% (n=04). O grau de escolaridade mostrou que cerca de 55,6% (n=10) das pessoas eram analfabetas e 38,8% (n=07) possuíam o ensino fundamental incompleto. A média salarial foi de 02 salários mínimos. Foram citadas 30 espécies distribuídas em 30 gêneros e 20 famílias. As espécies mais citadas entre os entrevistados foram a *Lippia alba* (Mill.) N. E. Br. 17,53% (n=17), conhecida popularmente como “Erva-Cidreira” da família Verbenaceae, seguida da *Cymbopogon citratus* 13,40% (n=13), vulgarmente chamada de “Capim-santo” pertencente à família Poaceae. As folhas 80,22% (n=77) foram a principal parte das plantas utilizadas no preparo dos remédios, seguido das cascas 13,54% (n=13). A planta tóxica mais citada foi a *Dieffenbachia picta* Schott. (Comigo-ninguém-pode), pertencente à família Araceae que apresenta distribuição cosmopolita. Os saberes sobre a utilização de animais ou insetos para fazer remédio, apenas 22,22% (n=04) afirmaram que sim, enquanto 77,78% (n=14) disseram que não conheciam. O número de citações para animais foram para *Crotalus durissus* (Linnaeus, 1758) (Cascavel) e o *Iguana iguana* (Camelão) (n=2) para o tratamento de osteopatias, e os inseto foi a *Atta* sp. (Tanajura) (n=2) para o tratamento de inflamações na garganta. Quanto aos saberes sobre as parteiras pela comunidade, constatou-se que a maioria das mulheres questionadas que possuíam filhos, conheciam os trabalhos das parteiras, e tiveram todos ou os primeiros filhos com o auxílio da mesma. O povo local da comunidade ainda nos dias de hoje, recorrem às benzedadeiras para o tratamento de algumas enfermidades. As pessoas do local demonstraram amplo conhecimento sobre plantas medicinais, cultivadas em seus quintais, sendo a maior parte desses saberes encontrados no gênero feminino, com renda mensal média de dois salários mínimos e com pouco grau de escolaridade. Os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, possibilitaram que as pessoas driblassem as dificuldades com os serviços de saúde, aplicando os seus saberes com tratamentos eficazes na localidade.

Palavras-Chave: Etnobiologia. Conhecimento tradicional. Fitoterapia. Plantas medicinais.

ABSTRACT

Ethnobiological studies address environmental perception, seeking to identify people's interactions with environmental resources, such as plants and animals, through the knowledge that people have acquired over time about these resources. This knowledge is of paramount importance in the traditional cultures of rural and indigenous societies worldwide. Due to the limited availability of financial resources to travel to the nearest city, high cost of medical consultations and the purchase of drugs in conventional pharmacies. The study intends to know the traditional memories and knowledge about plants and animals of the Caracolzinho community in the municipality of Gado Bravo-PB. The methodology used was based on qualitative and quantitative research, in which it dedicates itself more to qualitative aspects, however, without neglecting the quantitative ones. Semi-structured interviews were conducted with local residents. The Caracolzinho community has a large rural area, in addition to a small paved portion, located in the central region of the place. 18 people were interviewed. The female gender was more prevalent with 83% (n = 15). The age range was between 65-70 and 75-80 years old, 22,30% (n = 04). The level of education showed that about 55.6% (n = 10) of the people were illiterate and 38.8% (n = 07) had incomplete primary education. The average salary was 02 minimum wages. They were mentioned 30 species in 30 genera and 20 families. The species most cited among the interviewees were *Lippia alba* (Mill.) NE Br. 17.53% (n = 17), popularly known as "Erva-cidreira" from the Verbenaceae family, followed by *Cymbopogon citratus* 13.40% (n = 13), commonly called "Capim-santo" belonging to the Poaceae family. The sheets 80,22% (n = 77) were the main part of the plants used in the preparation of drugs, hulls followed by 13.54% (n = 13). The most cited toxic plant was *Dieffenbachia picta* Schott. (Comigo-ninguém-pode), belonging to the Araceae family that has a cosmopolitan distribution. The knowledge about the use of animals or insects to make medicine, only 22.22% (n = 04) said yes, while 77.78% (n = 14) said they did not know. The number of citations for animals was for *Crotalus durissus* (Linnaeus, 1758) (Cascavel) and *Iguana iguana* (Camelão) (n = 2) for the treatment of osteopathies, and the insect was *Atta* sp. (Tanajura) (n = 2) for the treatment of inflammation in the throat. As for the knowledge about midwives by the community, it was found that the majority of women questioned who had children, knew the work of midwives, and had all or their first children with the help of the same. The local people of the community still today, resort to the healers for the treatment of some illnesses. Local people demonstrated extensive knowledge about medicinal plants, grown in their backyards, most of which is found in females, with an average monthly income of two minimum wages and a low level of education. The knowledge acquired throughout life, enabled people to overcome difficulties with health services, applying their knowledge with effective treatments in the locality.

Keywords: Ethnobiology. Traditional knowledge. Phytotherapy. Medicinal plants.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – Localização do município de Gado Bravo no estado da Paraíba.20
- Figura 2** – Panorama da comunidade Caracolzinho no município de Gado Bravo - PB. A – Área central pavimentada da comunidade. B, C e D – Visão paisagística da comunidade.23
- Gráfico 1** – Distribuição por gênero dos entrevistados da comunidade do Sítio Caracolzinho no município de Gado Bravo – PB.24
- Gráfico 2** – Faixa etária dos entrevistados da comunidade Caracolzinho no município de Gado Bravo – PB.25
- Gráfico 3** – Grau de escolaridade dos entrevistados da comunidade de Caracolzinho no município de Gado Bravo – PB.25
- Gráfico 4** – Renda mensal dos entrevistados da comunidade Caracolzinho,26
- Gráfico 5** – Famílias botânicas citadas pelos moradores da comunidade Caracolzinho, Gado Bravo – PB.....28
- Gráfico 6** – Parte das plantas utilizadas pelos entrevistados da comunidade Caracolzinho, município de Gado Bravo – PB.32

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1** – Espécies de plantas medicinais citadas por indivíduos da comunidade de Caracolzinho, Gado Bravo – PB.27
- Tabela 2** – Espécies medicinais indicadas pela comunidade do Sítio Caracolzinho, município de Gado Bravo, Paraíba, Brasil.....29
- Tabela 3** – Animais e insetos citados para fins medicinais pelos entrevistados da comunidade Caracolzinho, município de Gado Bravo – PB.34

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OBJETIVOS	13
2.1	Objetivo geral	13
2.2	Objetivos específicos.....	13
3	REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1	Etnobiologia.....	14
3.1.1	<i>Etnobotânica</i>	15
3.1.2	<i>Etnozoologia</i>	16
3.2	Etnofarmacologia.....	17
4	METODOLOGIA	19
4.1	Característica da área de estudo	19
4.1.1	Aspectos Físicos	19
4.2	Tipo de pesquisa	20
4.3	Critérios de Inclusão e exclusão.....	20
4.4	Técnicas de pesquisa.....	20
4.4.1	<i>Pré-Teste</i>	20
4.4.2	<i>Observação Direta</i>	21
4.4.3	<i>Entrevista Semiestruturada</i>	21
4.4.4	<i>História de Vida</i>	21
4.4.5	<i>Turnê Guiada</i>	21
4.5	Registro das informações.....	21
4.5.1	<i>Diário de campo</i>	22
4.5.2	<i>Registro Fotográfico</i>	22
4.6	Análise de dados.....	22
4.7	Questões éticas.....	22

5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
5.1	Identificação e dados socioeconômicos sobre os entrevistados	24
5.1.1	<i>Gênero</i>	24
5.1.2	<i>Faixa etária</i>	24
5.1.3	<i>Escolaridade</i>	25
5.1.4	<i>Renda familiar</i>	26
5.2	Conhecimento etnobotânico.....	27
5.2.1	<i>Plantas medicinais</i>	27
5.2.2	<i>Plantas tóxicas</i>	33
5.3	Conhecimento etnozoológico	34
5.4	Conhecimentos sobre práticas de saúde com benzedeiras e parteiras	34
5.4.1	<i>As parteiras</i>	34
5.4.2	<i>As benzedeiras</i>	35
6	CONCLUSÃO	38
	REFERÊNCIAS	39
	APÊNDICE A	48

1 INTRODUÇÃO

As interações entre as pessoas e o meio ambiente podem ser explicadas pela percepção que elas possuem sobre o local em que estão inseridas. Assim, sugere-se que as ações e atitudes dos indivíduos estão associadas ao modo como eles percebem o ambiente (GELCICH *et al.*, 2008; WANDERSEE *et al.*, 2012). Os estudos etnobiológicos abordam a percepção ambiental, buscando identificar as interações das pessoas com os recursos ambientais, como plantas e animais, através dos entendimentos que as pessoas adquiriram sobre as características desses recursos (JOHNS, 1990; BRETT e HEINRICH, 1998).

O conhecimento etnobiológico é de suma importância nas culturas tradicionais das sociedades rurais e indígenas em todo o mundo. A maior parte desse conhecimento é tradicional, o que significa que foi aprendido há muito tempo e transmitido com graus variados de fidelidade por pelo menos duas ou três gerações. Entretanto, na etnobiologia o conhecimento científico pode mudar rapidamente, em razão das mudanças no ecossistema e a inserção de novas plantas e animais nas comunidades, fazendo com que as pessoas aprendam novas formas de pensar (ANDERSON, 2011).

A etnobotânica e a etnofarmacologia são ciências responsáveis em promoverem o resgate dos saberes tradicionais sobre as plantas e como devem ser aplicados cientificamente, conectando informações fornecidas pelos usuários da pesquisa com estudos químicos e farmacológicos (SALES, SARTOR e GENTILLI, 2015). Ao mesmo passo, a etnozologia investiga os pensamentos e percepções dos sentimentos e dos comportamentos que relacionam o ser humano com as espécies de animais presentes no ecossistema local (AGUIAR, ARAÚJO JÚNIOR e FERREIRA, 2011).

As interpretações dos conhecimentos, uso tradicional dos recursos vegetais e manejo realizado por benzedeiras e parteiras são fonte de pesquisa nos estudos etnobotânicos (MACIEL e GUARIM NETO, 2006). Nas comunidades do interior do Brasil, existem uma pluralidade de cultos religiosos, que ofertam serviços de cura, proteção e amparo, dentre os quais se destaca o ofício das benzedeiras e parteiras (BORGES, 2007). No passado, as suas práticas eram mais intensas e por vezes, a única forma de tratamento, em razão da escassez de tratamentos médicos oficiais e pela forte religiosidade católica (SILVA, 2014).

As comunidades rurais apresentam desafios e obstáculos para terem acesso aos serviços de saúde mais complexos, quando comparadas aos espaços urbanos (PONTES, RIGOTTO e SILVA, 2018; LIMA, *et al.*, 2019). Nesses locais existe o predomínio do uso de plantas medicinais, em virtude dos habitantes buscarem a cura das suas enfermidades a partir dos recursos existentes em seu ambiente. Além disso, a pouca disponibilidade de recursos financeiros para o deslocamento até a cidade mais próxima, o elevado custo de consultas médicas e a compra de medicamentos em farmácias convencionais, justificam o uso dos recursos naturais com intuito terapêutico (NÓBREGA, 2018).

Habitualmente existem plantas tóxicas nas zonas rurais que não são conhecidas pela população local, favorecendo a ocorrência das intoxicações. As espécies em sua maioria são encontradas como ornamentais no interior das residências, nos jardins ou praças (VASCONCELOS e MENDES, 1998). O uso terapêutico de algumas espécies de vegetais pode ser potencialmente perigoso aos idosos, principalmente quando empregadas em associação com outra terapia tradicional, podendo ocasionar graves danos à saúde do usuário de forma direta ou indireta, não apenas por conta dos seus metabólitos, mas por prováveis contaminações com metais pesados ou adulteração com drogas sintéticas não declaradas (ERNST, 2003; CHEN *et al.*, 2016).

A partir de conversas informais com integrantes da comunidade do sítio Caracolzinho no município de Gado Bravo-PB, verificou-se a necessidade de conhecer os saberes desses indivíduos. O interesse em estudar esta comunidade torna-se maior pela evidência de que estes moradores, relacionam-se de forma singular com a natureza, utilizando plantas medicinais e animais, além da efetiva contribuição das benzedeiros e parteiras. Neste sentido, a diversidade de saberes, experiências e práticas dos atores sociais envolvidos, torna-se terreno fértil para uma pesquisa etnobiológica.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Conhecer as memórias e os saberes tradicionais da comunidade Caracolzinho, Gado Bravo-PB.

2.2 Objetivos específicos

- Verificar o conhecimento sobre plantas medicinais e tóxicas que os indivíduos da comunidade adquiriram ao longo do tempo;
- Investigar a relação dos moradores com os animais para fins medicinais;
- Descrever o papel das benzedeiças e/ou parteiras no passado e no presente dos habitantes sociais desta comunidade.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Etnobiologia

O termo “Etnobiologia” refere-se a uma união de competências que engloba aspectos culturais e biológicos. Classicamente, a etnobiologia é conceituada como o estudo das interações das pessoas com o meio ambiente (ALBUQUERQUE e ALVES, 2016). Essa ciência foi formalmente definida por Edward F. Castetter na Universidade do Novo México como “*Utilização da vida vegetal e animal por povos primitivos.*” Seu objetivo era integrar dois campos bem estabelecidos da etnociência, a etnobotânica e a etnozoologia (FORD, 2011).

O processo de transmissão desse conhecimento envolve quatro elementos: a informação, ou seja, o conteúdo a ser transferido; um modelo, aquele que inicialmente teve a informação; um aprendiz, o indivíduo que receberá o saber, e um contexto social e ambiental em que o processo leva (SOLDATI, 2016). No entanto, os saberes das populações locais foram subestimados pela maioria dos cientistas, que pareciam negligenciar outros métodos de conhecimento. Embora, a valorização de saberes dos povos locais por parte dos etnobiólogos e etnoecologistas provocaram benefícios para o avanço da ciência, conhecimento científico e acadêmico (POSEY, 1987).

A história da Etnobiologia foi abordada por diferentes autores, nos quais, geralmente confiam na historiografia proposta por Clément (1998), que divide o desenvolvimento dessa disciplina em pré-clássico, clássico e período pós-clássico (SOBRAL e ALBUQUERQUE, 2016).

O período pré-clássico iniciou no final do século XIX, essa fase é marcada por uma abordagem descritiva de plantas e animais (D'AMBROSIO, 2014; MEDEIROS e ALBUQUERQUE, 2014). A primeira metade do século XX manifesta-se o período clássico, caracterizado pela busca do conhecimento indígena para entender como os seres humanos interpretam o meio ambiente (CLÉMENT, 1998). Considerada como a fase mais importante para etnobiologia, o período pós clássico (WOLVERTON, NOLAN e AHMED, 2014) foi marcado pelas contribuições de Darrell Posey, fundador da Sociedade Internacional de Etnobiologia no ano de 1988 e na organização do primeiro Congresso Internacional de Etnobiologia em Belém do Pará-Brasil (ISE, 2020).

A etnobiologia quando estava se tornando mais popular em todo o mundo enfrentou um obstáculo. Evolutivamente, a biologia avançou para molecular e celular, fazendo com que o financiamento da pesquisa fosse mais direcionado para essas áreas do que para biologia orgânica. O nascimento desse campo em países de terceiro mundo mostrou-se positivo, por conta de exigir pouco capital fixo e os países apresentarem populações com inúmeras tradições ricas de conhecimento local com uso da flora e fauna (ANDERSON, 2011)

Nos últimos anos, o número de publicações cresceu expressivamente, demonstrando as implicações da pesquisa etnobiológica na conservação do ecossistema em diferentes partes do mundo (SVANBERG *et al.*, 2011; ALBUQUERQUE *et al.*, 2013). Atualmente, o Brasil, México, Índia, China e países do sudeste asiático aumentaram sua contribuição para a diversificação da etnobiologia, através de trabalhos com vários indivíduos, diversas abordagens utilizadas (teóricas e práticas) e no aumento de autores que contribuem para a consolidação da etnobiologia mundialmente (HIDAYATI, FRANCO e BUSSMANN, 2015; D'AMBROSIO, 2014).

3.1.1 Etnobotânica

Em 1893, uma coleção exclusiva de espécies botânicas exibida no Chicago World's Fair despertou a atenção e imaginação de John W. Harshberger, um arqueólogo com grande interesse pelas plantas. Esta coleção inspirou Harshberger a propor um novo campo de estudo, por meio de um artigo intitulado "O propósito da etno-botânica" publicado no *Botanical Gazette* (HARSHBERGER, 1896). Conceituada como o estudo das inter-relações diretas entre os seres humanos e as plantas (FORD, 1978). Essa área passa a ser considerada uma disciplina científica que estuda e interpreta o histórico das plantas nas sociedades antigas e atuais (FONSECA-KRUEL e PEREIRA, 2009).

A maioria das pesquisas sobre etnobotânica requerem trabalho de campo (ao ar livre) por pelo menos parte de qualquer projeto. Os métodos empregados pelos etnobotânicos incluem: anotações, fotografias, vídeos, estatística, coleta e preparação de amostras, uso de microscópio, análise de nutrientes e produtos químicos, entre outros (NOLAN e TURNER, 2011). Estudos como esses contribuem para o desenvolvimento da região onde os dados foram coletados, uma vez que transferem o conhecimento das espécies que são utilizadas pelas populações, além de servirem

como instrumento para estabelecer estratégias de utilização, conservação e manejo dessas espécies (BEGOSSI, 1996).

Na última década, os etnobotanistas concentram a atenção na sobrevivência de conhecimentos baseado nas plantas e em suas fontes nas comunidades locais, onde se realiza o estudo (THOMPSON, 2004; TURNER *et al.*, 2008). A etnobotânica compreende uma abordagem holística e multidisciplinar, sendo essencial para o avanço do bem-estar humano no aspecto físico, espiritual, nutricional e emocional. Ligadas à etnobotânica estão a taxonomia, nutrição, farmacognosia, fitoquímica e biologia da conservação (NOLAN e TURNER, 2011).

3.1.2 Etnozoologia

Historicamente, o homem se beneficia com o auxílio dos animais em diversas funções, tais como animal de companhia, caça, pastoreio, guarda, salvamento de pessoas perdidas, polícia, detecção de explosivos e psicotrópicos (CARMO, FONSECA e ROSA, 2014). A utilização de várias espécies de animais como recurso medicinal também é uma prática histórica e relevante no contexto terapêutico (GHOSH e MAITI, 1996; WEISS, 1947). Essa interação etnozoológica tem sido registrada nas mais diversas culturas no mundo (ANTONIO, 1994; HUIS, 1996).

O campo da etnozologia surgiu durante o século XIX nos Estados Unidos, com o intuito de estudar e compreender as percepções das populações humanas que possuem modos de culturas diferenciadas sobre os animais (COSTA-NETO, 2000; (LIMA, FLORÊNCIO e SANTOS, 2014; RODRIGUES, 2015). A relevância da etnozologia se deve ao fato que, a fauna apresenta um aspecto significativo no cotidiano humano (RODRIGUES, 2015).

O Brasil apresentou registros sobre a utilização de animais como recurso medicinal desde o período colonial, a partir das obras de Guilherme Piso “História Natural do Brasil Ilustrada”, onde foi relatado 29 animais medicinais (ALMEIDA, 2005). Os médicos portugueses Simão Pinheiro Mourão (1618-1685) e João Ferreyra da Rosa (1659-1725), elaboraram tratados médicos com receituários que continha 22 e 19 espécies zooterapêutica, respectivamente (ALMEIDA, 2010).

Alves e Souto (2010) enfatizaram que um dos desafios atuais para a pesquisa etnozoológica brasileira é o desenvolvimento de trabalhos que contribuam para programas de monitoramento de gestão de recursos naturais. Desta forma, os saberes transmitidos culturalmente podem subsidiar essas questões (HUNTINGTON, 2000).

3.2 Etnofarmacologia

A etnofarmacologia investiga os aspectos antropológicos que justifique a base farmacológica do uso de recursos naturais pelas culturas humanas (LEONTI e CASU, 2013). Os elementos que compõem a etnofarmacologia são a diversidade de plantas, animais e micro-organismos (terrestres e marinhos) que crescem e vivem no nosso planeta em condições naturais, que são ou podem ser potencialmente explorados para fins medicinais. Contudo, atualmente esses recursos estão cada vez mais ameaçados, em consequência da perda ou degradação de habitat, superexploração, crescimento populacional e impactos das espécies tóxicas invasoras (HEYWOOD, 2015).

O campo da etnofarmacologia está centrado no paciente, e esse foco ocorre em decorrência da observação do diagnóstico, tratamento e os resultados obtidos, em seguida, essas análises se direcionam para o laboratório, onde é realizada a investigação sobre medicamentos à base de plantas. Esse processo leva ao surgimento de novos fármacos e identificação de novos alvos, sendo o seu desenvolvimento baseado em evidências (JÄGER, 2015). Segundo Bastos (2007) diversas espécies utilizadas pelas comunidades possuem características farmacológica confirmadas, no entanto, fatores como o modo de preparação e a parte utilizada podem intervir na atividade farmacológica.

Até o presente momento utilizou-se apenas uma pequena porcentagem da biodiversidade mundial, no caso das plantas, das 350.00 a 400.000 espécies do mundo, apenas 4-5% foram relatadas etnomedicamente e destas, mais da metade não foram estudadas biologicamente ou quimicamente. A maioria desses recursos e o conhecimento tradicional está em risco por conta de alterações antropogênicas, necessitando urgentemente de ações de conservação para garantir a disponibilidade para as gerações futuras (HEYWOOD, 2015).

As pesquisas que realizam uma abordagem etnofarmacológica são frequentemente observadas nos países de economia emergente da Ásia (Índia, China e Coréia do Sul), América do Sul (Brasil e México) e África (África do Sul). Enquanto, os países do Ocidente (Estados Unidos da América, Reino Unido, Espanha, França, Alemanha e Itália), também possuem grupos ativos de pesquisas, porém, em uma menor proporção quando comparados com os países emergentes (HEINRICH, 2015).

4 METODOLOGIA

A metodologia empregada foi fundamentada na pesquisa quali-quantitativa, uma vez que, dedica-se mais a aspectos qualitativos da realidade, no entanto, sem desprezar os aspectos também quantitativos, e vice-versa (DEMO, 1998). Realizou-se observações diretas com a finalidade de conhecer a área na qual se localiza a comunidade supracitada, através do uso de registro fotográfico, gravações das entrevistas e caderneta de campo para fazer esse reconhecimento in loco.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os moradores. Segundo Matos e Pêsoa (2009) é baseada em métodos que não implicam quantificação e sim a interpretação do fenômeno estudado. As entrevistas foram realizadas com pessoas de faixa etária entre 50 a 90 anos, escolhidas após uma breve apresentação dos objetivos da pesquisa e do consentimento do entrevistado para realização das mesmas.

4.1 Característica da área de estudo

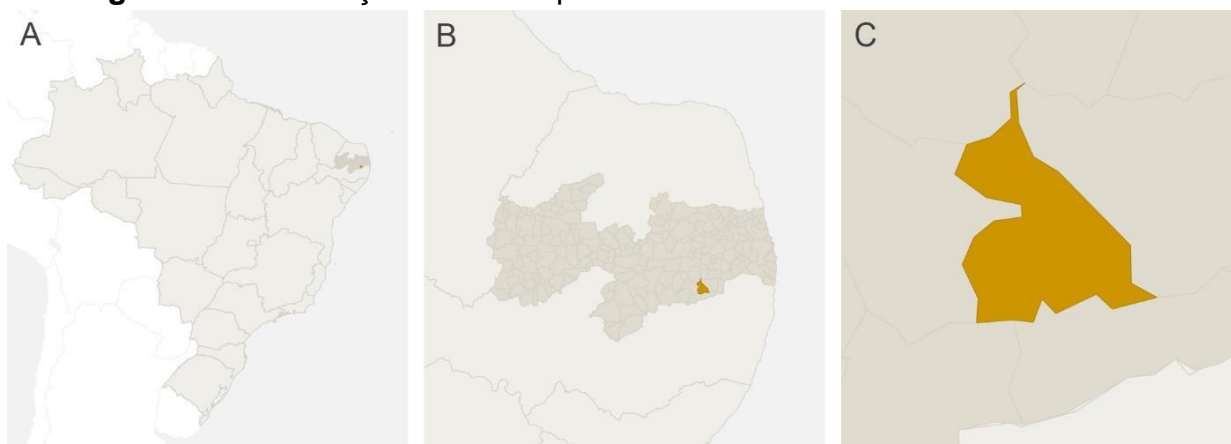
A presente pesquisa foi realizada no Sítio Caracolzinho localizado no município de Gado Bravo, PB

4.1.1 Aspectos Físicos

Gado Bravo é um município brasileiro localizado na Mesorregião do Agreste do estado da Paraíba (Figura 1). De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2018 sua população era estimada em 8.448 habitantes e com área da unidade territorial de 192,406 km², apresentando uma densidade demográfica de 43,53 hab/km² (IBGE, 2019). Existe um acentuado predomínio rural comparado ao espaço urbano, sendo composto por 54 sítios como Boa Vista, Caracolzinho, Tapuia, Salinas, entre outros (GADO BRAVO, 2019).

O município tem uma altitude aproximada de 400 metros distando 114,7344 Km da capital. O relevo é bastante movimentado, apresentando altitude entre 300 a 700 metros, com solos pobres e rasos, salvo nas áreas de fundo de vales estreitos e profundos. A vegetação é composta por Floresta Caducifolia, Cerrado e Caatinga. O clima é caracteristicamente muito quente, com estação chuvosa no inverno. O período de chuvas inicia-se em março e se estende até setembro (CPRM/PRODEEM, 2005).

Figura 1 – Localização do município de Gado Bravo no estado da Paraíba.



Fonte: IBGE, 2019.

4.2 Tipo de pesquisa

A pesquisa tratou-se de um estudo etnobiológico em que utilizou multimétodos para o registro dos saberes tradicionais. O método descritivo-analítico foi utilizado para determinação das variáveis socioeconômicas, seleção de plantas, animais e insetos como instrumento de coleta de dados, um formulário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas, elaborado especificamente para esse estudo (APÊNDICE A).

4.3 Critérios de Inclusão e exclusão

A população deste estudo foi composta por indivíduos moradores do sítio Caracolzinho, Gado Bravo-PB, acima de dezoito anos, saudáveis, conhecedores dos saberes tradicionais em questão e que aceitaram livremente participar deste estudo.

4.4 Técnicas de pesquisa

Para auxiliar o desenvolvimento da metodologia proposta para o estudo, foram utilizadas cinco técnicas, de acordo com David (2015):

4.4.1 Pré-teste

O pré-teste foi utilizado como instrumento de sondagem da comunidade e também para definir e ajustar a metodologia mais apropriada ao desenvolvimento da pesquisa, bem como as técnicas e ferramentas para a obtenção de dados.

4.4.2 Observação direta

Através da observação direta realizou-se o registro das atividades desenvolvidas pelos informantes durante a pesquisa.

4.4.3 Entrevista semiestruturada

A entrevista semiestruturada foi organizada e redigida com algumas questões fechadas e abertas. Durante as entrevistas, frequentemente surgem novas questões relacionadas aos dados coletados, que muitas vezes exigem novos eventos.

4.4.4 História de vida

A história de vida é a narrativa do conjunto de experiências vividas por uma pessoa, neste caso o informante é soberano para manifestar ou ocultar os fatos (MEIHY, 1996). Esta técnica foi utilizada no momento em que o informante narra o seu caminho em diferentes fases da sua vida, passando por acontecimentos e circunstâncias que presenciou e vivenciou.

4.4.5 Turnê guiada

A turnê guiada consiste de caminhadas exploratórias conduzidas pelos moradores nos quintais e entorno das residências dos informantes. Esta técnica foi utilizada para se determinar o conhecimento e as etnocategorias de usos das diferentes espécies de plantas, animais e insetos citados durante as entrevistas.

4.5 Registro das informações

Além dos instrumentos de coleta de dados já descritos, foram utilizados, como suporte ao entendimento e análise dos dados, registros de impressões, expressões e sensações dos pesquisadores. Para tanto, usou-se de:

4.5.1 Diário de campo

O diário de campo (caderno de campo) foi utilizado para o registro de fenômenos examinados e relacionados ao desenvolvimento da pesquisa nas atividades de campo. Minayo (2010) definiu como o principal instrumento de trabalho de observação. O diário de campo é um documento pessoal e constitui um meio que o pesquisador possui para organizar seus dados obtidos durante as entrevistas, sejam eles, acontecimentos, percepções ou sentimentos.

4.5.2 Registro Fotográfico

As fotografias foram obtidas através de smartphone para os registros fotográficos das atividades de campo, como as imagens de plantas, animais, paisagens, residências, entrevistas, entre outros. As pessoas foram fotografadas em suas residências, em seus quintais com suas espécies de plantas medicinais. Importante salientar, que as pessoas assinaram previamente um termo livre para o uso de sua imagem nesse estudo.

4.6 Análise de dados

Os resultados coletados foram transcritos em banco de dados eletrônico através de planilha Excel (Microsoft Office 2016®), onde foram determinadas as frequências das diferentes variáveis numéricas e categóricas. Realizando, deste modo, a estatística descritiva a partir da codificação por tabulação simples, distribuição de porcentagens, tabelas e figuras.

4.7 Questões éticas

A seleção desta comunidade foi possível mediante a participação no projeto PROPESQ/UEPB “Práticas Culturais, memórias e a Arte de Inventar o Cotidiano: (Re) Escrevendo as Brincadeiras Infantis, Cantigas, Festas e Práticas de Cura em Comunidades Paraibanas”, tendo como Coordenadora Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza registrado e aprovado sob o número 475.0.133.000-10 de acordo com os requisitos básicos da resolução CNS 466/12.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi realizada no Sítio Caracolzinho durante os meses de março a junho de 2019. Por meio das visitas realizadas aos domicílios dos entrevistados puderam-se observar aspectos imprescindíveis voltados a infraestrutura: os informantes residem em casa própria de estrutura simples, com cobertura de telha e construção de alvenaria. Todas as residências possuíam o fornecimento de energia elétrica. O abastecimento de água na comunidade ocorre através de carros pipas que abastecem uma cisterna pública, onde as pessoas tem o acesso a água, transportando-a para suas casas. Algumas casas apresentavam cisternas em seus quintais e caixas d'água para armazenamento.

Caracolzinho apresenta uma grande área rural, além de uma pequena porção pavimentada, situada na região central da localidade (Figura 2). O local conta com uma unidade básica de saúde em tempo integral, com médico geral e outros profissionais da saúde, durante alguns dias da semana. A religiosidade apresenta uma predominância católica quando comparada com a evangélica, por essa razão, existe uma igreja do padroeiro São José, onde atividades como missas, batizados, catequeses e novenas são realizadas. O sítio dispõe de uma escola que funciona em dois turnos, comportando alunos da alfabetização e fundamental I.

Figura 2 – Panorama da comunidade Caracolzinho no município de Gado Bravo - PB. A – Área central pavimentada da comunidade. B, C e D – Visão paisagística da comunidade.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

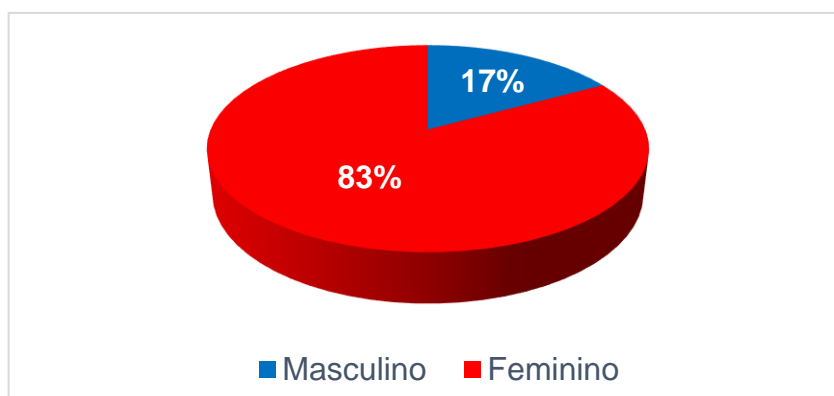
5.1 Identificação e dados socioeconômicos sobre os entrevistados

5.1.1 Gênero

Foram entrevistados 18 indivíduos, nos quais 83% (n=15) eram do gênero feminino e 17% (n=03) do masculino (Gráfico 1). Marques (2008) constatou que são as mulheres que possuem o maior conhecimento sobre as plantas e os seus usos terapêuticos, além do fato, como as mesmas trazem para si a responsabilidade de cuidar da saúde da família e da comunidade. A razão para essas atividades estaria relacionada à consciência ecológica e a tradição proveniente das suas mães (MARQUES, 2008).

O empenho das mulheres por atividades práticas pode ser interpretado pela relação das mulheres trabalhadoras rurais com os afazeres domésticos, com isso, relacionando a esfera discursiva e pública associada ao marido, além de outros elementos voltados à divisão sexual do trabalho (MARQUES, 2015).

Gráfico 1 – Distribuição por gênero dos entrevistados da comunidade do Sítio Caracolzinho no município de Gado Bravo – PB.

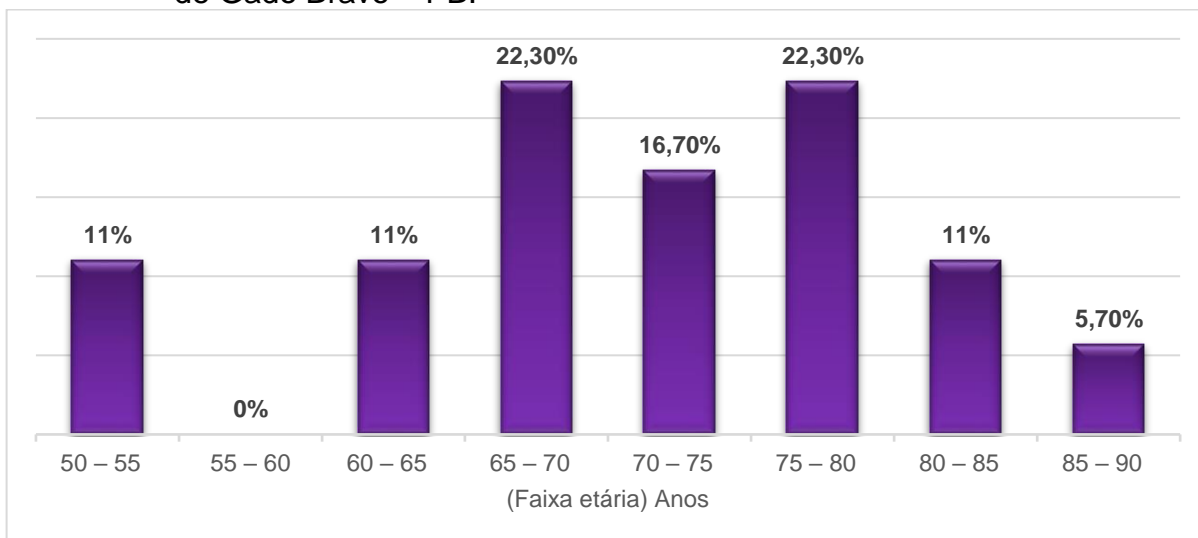


Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

5.1.2 Faixa etária

A idade dos informantes variou entre 50 a 90 anos de idade (Gráfico 2), apresentando a maior prevalência nos intervalos de 65-70 e 75-80 anos, cerca de 22,30% (n=04) cada variável, evidenciando a importância da faixa etária elevada dessas pessoas como detentores do domínio desses conhecimentos. Os trabalhos de Franco e Barros (2006) e Oliveira e Trovão (2009), relataram que a maior concentração de saberes sobre plantas medicinais é obtida pelos idosos, em razão de possuírem experiência de vida, como também, à própria necessidade e frequência de uso ao longo dos anos.

Gráfico 2 – Faixa etária dos entrevistados da comunidade Caracolzinho no município de Gado Bravo – PB.

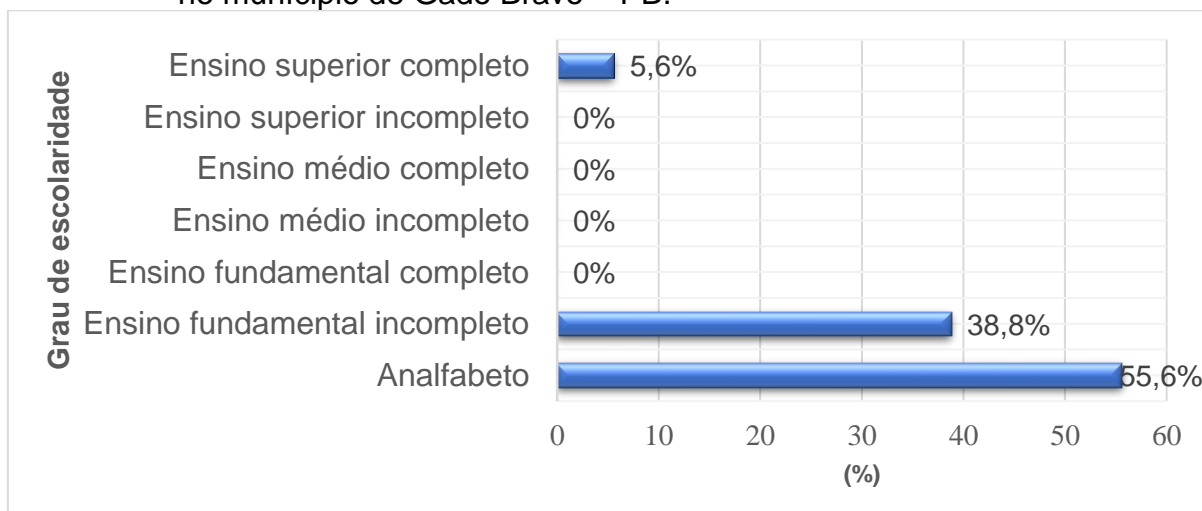


Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

5.1.3 Escolaridade

O gráfico 3 demonstra dados obtidos quanto a escolaridade dos entrevistados, onde nota-se que mais da metade dos entrevistados eram analfabetos 55,6% (n=10), 38,8% (n=07) apresentavam o ensino fundamental incompleto e apenas uma pessoa 5,6% (n=01) possuía o ensino superior completo, as demais variáveis não foram citadas. O alto índice de analfabetismo segundo Ming & Amaral Junior (1995), colabora na consolidação de processos de repasse de informações através da via escrita, aumentando a abrangência e eficiência das informações.

Gráfico 3 – Grau de escolaridade dos entrevistados da comunidade de Caracolzinho no município de Gado Bravo – PB.



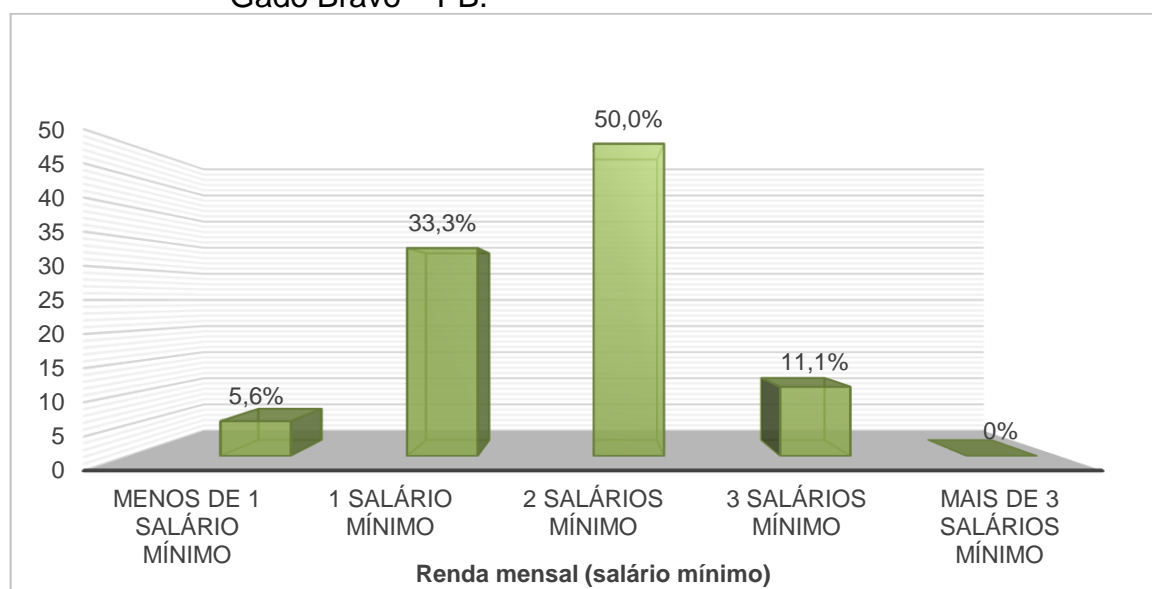
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A maior parte das pessoas quando questionadas até que série elas teriam estudado, esboçavam sorrisos, ficavam envergonhadas; e relatavam a dificuldade encontrada na infância, voltada à não estimulação por parte dos pais para que as mesmas estudassem, e sim para que realizassem as atividades na agricultura. A fala da entrevistada M.L.C retrata bem essa relação, onde a mesma referência com metáfora uma ferramenta utilizada para capinar terra relacionado ao trabalho com o hábito de estudar: “O estudo que a gente tinha era a enxada” (M.L.C., 73 anos).

5.1.4 Renda familiar

A população desta pesquisa foi constituída em sua grande maioria por indivíduos de baixa renda, sendo assim, metade dos entrevistados recebiam dois salários mínimos 50% (n=09), seguido de 33,3% (n=06) que recebiam apenas um salário mínimo, 11,1% (n=02) três salários mínimos e apenas uma pessoa informou que recebia menos de um salário mínimo 5,6% (n=01) (Gráfico 4). Dados do IBGE apontam que em 2017 na cidade de Gado Bravo, o salário médio mensal era de 1.8 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 6,0% (IBGE, 2019).

Gráfico 4 – Renda mensal dos entrevistados da comunidade Caracolzinho, Gado Bravo – PB.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

5.2 Conhecimento etnobotânico

5.2.1 Plantas medicinais

Na comunidade todos afirmaram que conheciam plantas para fins medicinais e que faziam uso com frequência variada. Foram citadas 30 espécies distribuídas em 30 gêneros e 20 famílias (Tabela 1). O número de espécies registrado enquadra-se dentro das variações observadas em estudos etnobotânicos conduzidos no semiárido nordestino, em áreas da caatinga, com variações entre 22 a 119 espécies (MORAIS *et al.*, 2005; TEIXEIRA e MELO; 2006; MAGALHÃES, 2006; ALBUQUERQUE *et al.*, 2007; ALBUQUERQUE *et al.*, 2008; ROQUE, 2009; CARTAXO, SOUZA e ALBUQUERQUE, 2010).

Tabela 1 – Espécies de plantas medicinais citadas por indivíduos da comunidade de Caracolzinho, Gado Bravo – PB.

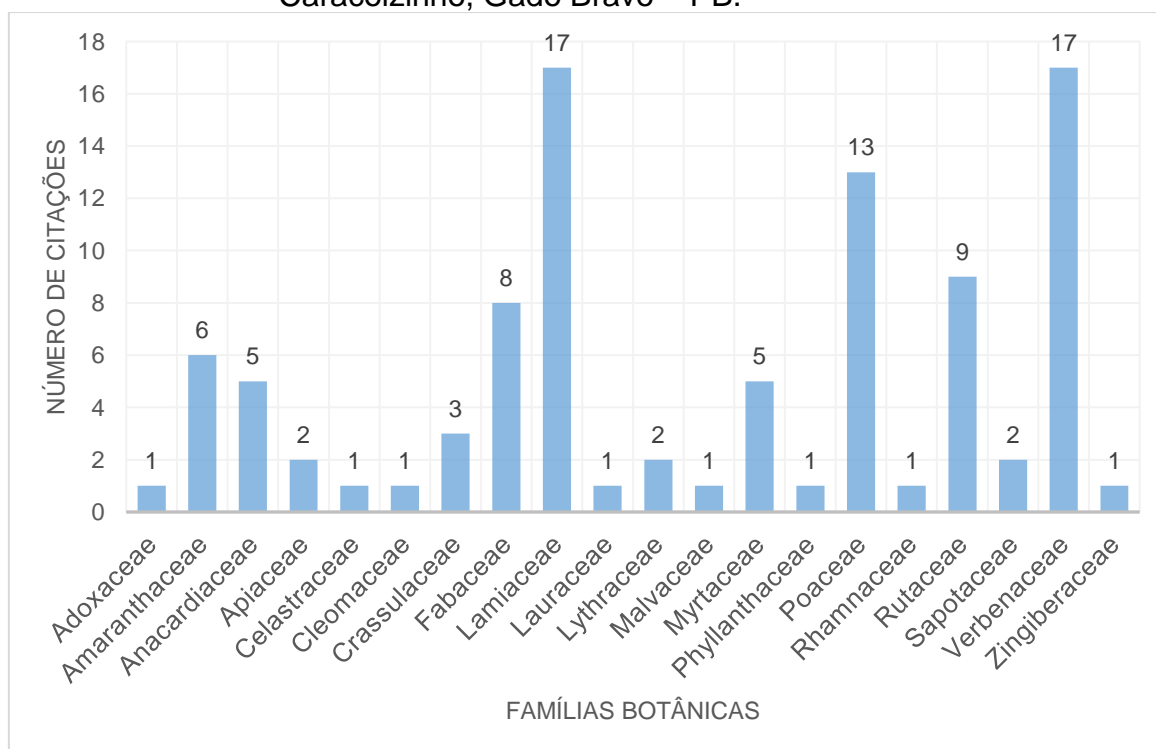
Nome popular	Espécie	Gênero	Família	n
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	<i>Rosmarinus</i>	Lamiaceae	04
Angico	<i>Anadenanthera colubrina</i>	<i>Anadenanthera</i>	Fabaceae	01
Aroeira	<i>Astronium fraxinifolium</i>	<i>Astronium</i>	Anacardiaceae	03
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	<i>Ruta</i>	Rutaceae	07
Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i>	<i>Plectranthus</i>	Lamiaceae	02
Caju roxo	<i>Anacardium occidentale</i>	<i>Anacardium</i>	Anacardiaceae	02
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	<i>Cymbopogon</i>	Poaceae	13
Catingueira	<i>Cenostigma pyramidale</i>	<i>Cenostigma</i>	Fabaceae	03
Colônia	<i>Alpinia zerumbet</i>	<i>Alpinia</i>	Zingiberaceae	01
Cumarú	<i>Dipteryx odorata</i>	<i>Dipteryx</i>	Fabaceae	01
Endro	<i>Anethum graveolens</i>	<i>Anethum</i>	Apiaceae	01
Erva-cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	<i>Lippia</i>	Verbenaceae	17
Erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i>	<i>Pimpinella</i>	Apiaceae	01
Espinha-santa	<i>Monteverdia truncata</i>	<i>Monteverdia</i>	Celastraceae	01
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i>	<i>Eucalyptus</i>	Myrtaceae	04
Goiaba	<i>Psidium guajava</i>	<i>Psidium</i>	Myrtaceae	01
Hortelã gordo	<i>Mentha spicata</i>	<i>Mentha</i>	Lamiaceae	11
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	<i>Hymenaea</i>	Fabaceae	02
Juá	<i>Ziziphus joazeiro</i>	<i>Ziziphus</i>	Rhamnaceae	01
Laranjeira	<i>Citrus x sinensis</i>	<i>Citrus</i>	Rutaceae	02
Louro	<i>Laurus nobilis</i>	<i>Laurus</i>	Lauraceae	01
Malva-rosa	<i>Alcea rosea</i>	<i>Alcea</i>	Malvaceae	01
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	<i>Chenopodium</i>	Amaranthaceae	06
Mororó	<i>Bauhinia fortificata</i>	<i>Bauhinia</i>	Fabaceae	01
Mussambê	<i>Cleome hassleriana</i>	<i>Cleome</i>	Cleomaceae	01
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i>	<i>Phyllanthus</i>	Phyllanthaceae	01
Quixaba	<i>Sideroxylon obtusifolium</i>	<i>Sideroxylon</i>	Sapotaceae	02
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	<i>Punica</i>	Lythraceae	02
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i>	<i>Sambucus</i>	Adoxaceae	01
Saião	<i>Kalanchoe brasiliensis</i>	<i>Kalanchoe</i>	Crassulaceae	03

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

As famílias botânicas com os maiores números de espécies foram Verbenaceae (n=17) Lamiaceae (n=17), Poaceae (n=13), Rutaceae (n=9), Fabaceae (n=8) e Amaranthaceae (n=6) (Gráfico 5). Tais famílias também se destacaram nos levantamentos da flora medicinal realizados em áreas da Caatinga (ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2002; ALBUQUERQUE, ANDRADE; SILVA, 2005; CHAVES, 2005; ALMEIDA *et al.*, 2006; TEIXEIRA; MELO, 2006; AGRA *et al.*, 2007; ALBUQUERQUE *et al.*, 2008; MOSCA; LOIOLA, 2009; CARTAXO, SOUZA e ALBUQUERQUE, 2010).

As espécies mais citadas entre os entrevistados foram a *Lippia alba* (Mill.) N. E. Br. 17,53% (n=17), conhecida popularmente como “Erva-Cidreira” da família Verbenaceae, seguida da *Cymbopogon citratus* 13,40% (n=13), vulgarmente chamada de “Capim-santo” pertencente a família Poaceae. Ambas espécies são cultivadas facilmente nos quintais das residências dos moradores locais.

Gráfico 5 – Famílias botânicas citadas pelos moradores da comunidade Caracolzinho, Gado Bravo – PB.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Tabela 2 – Espécies medicinais indicadas pela comunidade do Sítio Caracolzinho, município de Gado Bravo, Paraíba, Brasil.

PLANTA	ESPÉCIE	FAMÍLIA	CITAÇÕES (%)	INDICAÇÕES	PARTE UTILIZADA	FORMAS DE ADMINISTRAÇÃO/ POSOLOGIA
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Lamiaceae	04 (4,12)	Cólicas menstruais Trombose	Folhas frescas	Fazer o chá e tomar 01x ao dia durante a noite; Falha de memória.
Angico	<i>Anadenanthera colubrina</i>	Fabaceae	01 (1,03)	Tosse	Casca seca	Fazer o lambedor e toma três colheres de sopa por dia.
Aroeira	<i>Astronium fraxinifolium</i>	Anacardiaceae	03 (3,09)	Infecções em geral e inflamações	Casca	Adicionar a casca em um recipiente com água, e ingerir várias vezes ou lavar a parte lesionada.
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Rutaceae	07 (7,22)	Cólicas menstruais Dores de ouvido	Folhas verdes	Triturar a folha em um recipiente e posteriormente adicionar água; Envolver as folhas em um lã de algodão e coloca no ouvido da criança.
Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i>	Lamiaceae	02 (2,06)	Dor abdominal	Folhas secas	Chá por infusão, tomando 2x ou 3x ao dia.
Caju roxo	<i>Anacardium occidentale</i>	Anacardiaceae	02 (2,06)	Infecções em geral	Casca	Adicionar as cascas em um recipiente com água, bebendo algumas vezes ao dia ou para banho de assento.
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	Poaceae	13 (13,40)	Tranquilizante Dor abdominal	Folhas verdes	Fazer o chá e tomar uma xícara durante à noite; Beber o chá 2x ou 3x ao dia.
Catingueira	<i>Cenostigma pyramidale</i>	Fabaceae	03 (3,09)	Tosse	Folhas verdes ou secas	Fazer o lambedor junto com outras plantas.
Colônia	<i>Alpinia zerumbet</i>	Zingiberaceae	01 (1,03)	Febre	Folhas secas	Fazer o chá e tomar quando sentir os sintomas.
Cumaru	<i>Dipteryx odorata</i>	Fabaceae	01 (1,03)	Dores no estômago e na coluna	Casca	Falha de memória.

Tabela 2 – Espécies medicinais indicadas pela comunidade do Sítio Caracolzinho, município de Gado Bravo, Paraíba, Brasil.
(Continuação...)

PLANTA	ESPÉCIE	FAMÍLIA	CITAÇÕES (%)	INDICAÇÕES	PARTE UTILIZADA	FORMAS DE ADMINISTRAÇÃO/ POSOLOGIA
Endro	<i>Anethum graveolens</i>	Apiaceae	01 (1,03)	Trombose	Sementes	Fazer o chá.
Erva-cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	Verbenaceae	17 (17,53)	Insônia Dor abdominal	Folhas verdes/seca	Fazer o chá e tomar 1 xícara antes de dormir.
Erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i>	Apiaceae	01 (1,03)	Vômitos tosse	Semente	Fazer o chá
Espinheira-santa	<i>Monteverdia truncata</i>	Celastraceae	01 (1,03)	Gastrite	Folhas secas	Fazer o chá
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i>	Myrtaceae	04 (4,12)	Gripe Febre Sinusite	Folhas secas	Três folhas da planta e fazer o chá.
Goiaba	<i>Psidium guajava</i>	Myrtaceae	01 (1,03)	Desintéria	Folhas verdes	Fazer o chá
Hortelã gordo	<i>Mentha spicata</i>	Lamiaceae	11 (11,34)	Tosse	Folhas verdes	Fazer o lambedor e tomar nas crises de tosse
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Fabaceae	02 (2,06)	Bronquite	Frutos Casca	Os frutos são fervidos com água por um determinado tempo, e depois coar; Adicionar as cascas em um recipiente contendo água, e depois fica tomando água.
Juá	<i>Ziziphus joazeiro</i>	Rhamnaceae	01 (1,03)	Tosse	Folhas verdes	Cozinhar as folhas, adicionando açúcar e espera apurar.
Laranjeira	<i>Citrus x sinensis</i>	Rutaceae	02 (2,06)	Insônia Pressão alta	Folhas verdes	Fazer o chá e tomar durante a noite Falha de memória

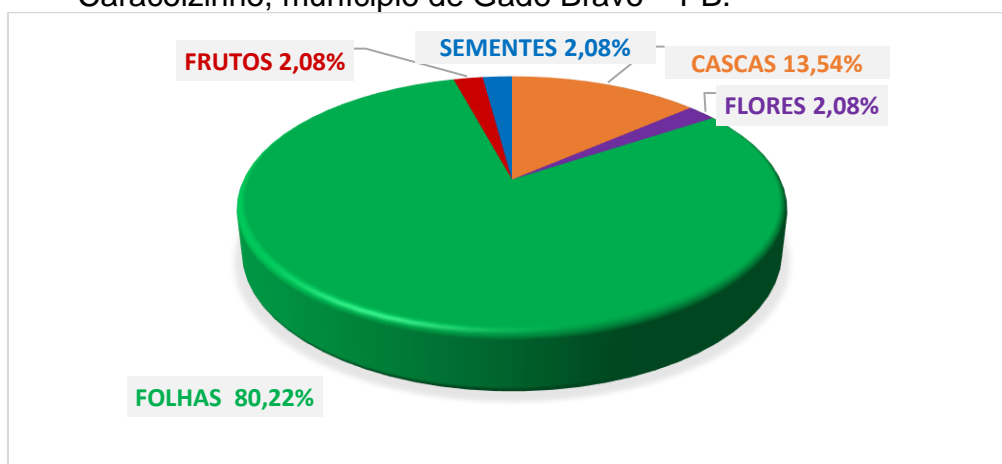
Tabela 2 – Espécies medicinais indicadas pela comunidade do Sítio Caracolzinho, município de Gado Bravo, Paraíba, Brasil.
(Continuação...)

PLANTA	ESPÉCIE	FAMÍLIA	CITAÇÕES (%)	INDICAÇÕES	PARTE UTILIZADA	FORMAS DE ADMINISTRAÇÃO/ POSOLOGIA
Louro	<i>Laurus nobilis</i>	Lauraceae	01 (1,03)	Dor abdominal	Folhas verdes	Fazer o chá.
Malva-rosa	<i>Alcea rosea</i>	Malvaceae	01 (1,03)	Cólicas menstruais Dores	Folhas verdes/secas	Fazer o chá e tomar 1x ao dia.
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	Amaranthaceae	06 (6,19)	Tosse	Folhas verdes	Triturar o mastruz e misturar com leite, e depois processar em um liquidificador.
Mororó	<i>Bauhinia fortificata</i>	Fabaceae	01 (1,03)	Diabetes	Folhas verdes	Fazer o chá e tomar várias vezes ao dia.
Mussambê	<i>Cleome hassleriana</i>	Cleomaceae	01 (1,03)	Tosse	Flores	Fazer o lambedor juntamente com outras plantas e tomar 3x ao dia,
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i>	Phyllanthaceae	01 (1,03)	Cálculos renais	Folhas	Fazer o chá e tomar várias vezes ao dia .
Quixaba	<i>Sideroxylon obtusifolium</i>	Sapotaceae	02 (2,06)	Infecções, queimaduras	Casca	Adicionar as cascas em um recipiente com água e beber dessa água.
Romã	<i>Punica granatum L.</i>	Lythraceae	02 (2,06)	Garganta inflamada	Casca	Colocar as cascas em um recipiente com água e realizar gargarejos.
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i>	Adoxaceae	01 (1,03)	Tosse e asma	Flores secas	Fazer o lambedor em crises de tosse.
Saião	<i>Kalanchoe brasiliensis</i>	Crassulaceae	03 (3,09)	Tosse	Folhas	Processar as folhas juntamente com leite.

Fonte: Dados de pesquisa, 2019.

As folhas 80,22% (n=77) foram a principal parte das plantas utilizadas no preparo dos remédios, as cascas 13,54% (n=13) e frutos, flores e sementes 2,08% (n=02) vindo logo em seguida (Gráfico 6). Resultados semelhantes foram observados no trabalho de Ribeiro (2018), Silva *et al.* (2015) e Carmo (2006). Os pesquisadores Costa-Neto e Oliveira (2000) e Moreira *et al.* (2002), demonstraram a importância do uso das folhas na medicina popular. Usualmente, este é o órgão da planta que dispõe uma maior concentração das substâncias ativas (GONÇALVES e MARTINS, 1998). Tais fatores, justificam a predominância desse órgão nas preparações citadas pelos residentes do local.

Gráfico 6 – Parte das plantas utilizadas pelos entrevistados da comunidade Caracolzinho, município de Gado Bravo – PB.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Com referência as plantas que as mesmas usavam e não encontram mais, apenas 33,33% (n=06) fizeram citações. Dentre as espécies temos: *Alpinia zerumbet* (Pers.) B.L. Burtt. & R.M. Sm. (Colônia), *Malva parviflora* L. (Malva-rosa), *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC. (Macela), *Aosa rupestres* (Gardner) Weigend (Urtiga-branca) e *Cedrus* spp. (Cedro).

A maior parte das pessoas 61,1% (n=11) disseram que o aprendizado sobre o uso das plantas medicinais foi adquirido por intermédio dos pais, posteriormente citaram os avós 38,9% (n=07), outros familiares 27,8% (n=05) e outras pessoas 11,1% (n=02). Quando perguntado se já compartilharam esses ensinamentos com alguém 77,8% (n=14) afirmaram que sim. Relacionado às 14 pessoas com que compartilhavam os ensinamentos 92,8% (n=13) com familiares, seguido de vizinhos 64,3% (n=09), e pessoas de outras localidades 7,1% (n=1).

Diegues (2000) enfatizou que o uso dos recursos vegetais está fortemente presente na cultura popular que é transmitida de geração em geração no decorrer da existência humana. As populações tradicionais e/ou contemporâneas manifestam esse conhecimento, entretanto, percebe-se uma progressiva redução ou mesmo ao desaparecimento, por conta da evolução do mundo moderno (MARINHO, SILVA e ANDRADE , 2011).

5.2.2 Plantas tóxicas

A respeito de plantas que apresentam toxicidade quando indagados “O Sr(a) conhece alguma(s) planta(s) que podem envenenar?” a maioria respondeu que sim 61,1% (n=11), enquanto 38,9% (n=08) afirmaram que não. Das 11 pessoas que afirmaram conhecer plantas tóxicas, 10 citaram as folhas da *Dieffenbachia picta* Schott. conhecida popularmente como “Comigo-ninguém-pode”, pertencente a família Araceae que apresenta distribuição cosmopolita. As espécies *Kalanchoe daigremontiana* (Aranto), *Sansevieria trifasciata* (Espada-de-são-jorge) e *Anethum graveolens* (Endro) também foram citadas uma única vez. As espécies de *Dieffenbachia* spp. eram encontradas na grande maioria das casas visitadas como ornamentos. A entrevistada M.J.R.S., justificou a necessidade em ter a espécie na entrada da sua casa, pois a mesma seria eficaz contra o “mau olhado”.

Scavone & Panizza (1981) classificou as plantas tóxicas de acordo com as substâncias nocivas nelas encontradas, as *Dieffenbachia* spp. estão inseridas grupo de espécies com interações complexas entre princípios ativos, pois possuem mecanismos complexos de ação que envolvem diversas substâncias e também fatores mecânicos. A ingestão de qualquer parte da planta leva à intoxicação, com irritação acentuada da mucosa bucal e da faringe, edema nos lábios, língua e gengivas, esofagite, vômito e cólica. Além disso, o contato da planta com os olhos causa conjuntivite e edema nas pálpebras, sendo responsáveis por casos sérios de dermatite de contato por plantas (DIÓGENES & MATOS, 1999).

O aranto foi descrito com capacidade tóxica devido ao relato de uma entrevistada, em que um bezerro morreu após ingestão da planta. A partir desse fato, a mesma deduziu que essa espécie em grandes quantidades causava danos a saúde. MCKENZIE *et al.* (1987) realizou experimentos com espécies do gênero *Kalanchoe* spp. em bolvinos, na qual, demonstrou um quadro de intoxicação caracterizado por depressão, incoordenação motora, opistótono, tremores e convulsões nos animais.

5.3 Conhecimento etnozoológico

Os saberes sobre a utilização de animais ou insetos para fazer remédio, apenas 22,22% (n=04) pessoas afirmaram que sim, enquanto 77,78% (n=14) alegaram que não conheciam. Os animais citados foram *Crotalus durissus* (Linnaeus, 1758) (Cascavel) e *Iguana iguana* (Camelão) (n=2) e o inseto citado foi a *Atta* sp. (Tanajura) (n=2). Possivelmente, essa escassez de saberes deve-se ao fato das espécies de plantas contemplarem a maioria das necessidades terapêuticas, e assim, não necessitou investigar sobre esse reino por parte da população (Tabela 3).

Melo *et al.* (2015) em uma pesquisa realizada no município de Cariré do estado no Ceará demonstrou que a formiga tanajura teve o maior número de citações (42,9%, n=21) para o tratamento de inflamações na garganta. Os trabalhos de Souza, Bulhões e Docio (2015) e Barbosa, Oliveira e Oliveira (2014) realizados no nordeste demonstraram o emprego da banha da Cascavel para o tratamento do reumatismo.

Tabela 3 – Animais e insetos citados para fins medicinais pelos entrevistados da comunidade Caracolzinho, município de Gado Bravo – PB.

Animal/Inseto	Família	n	Parte utilizada	Indicações
Cágado	Chelidae	01	Falha de memória	Doenças nos ossos
Camaleão	Chamaeleonidae	02	Banha	Reumatismo
Carneiro	Bovidae	01	Banha	Dores musculares
Cascavel	Viperidae	02	Banha	Artrose e Inflamações
Tanajura	Formicidae	02	Abdômen	Garganta inflamada
Tejú	Teiidae	01	Banha	Reumatismo

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

5.4 Conhecimentos sobre práticas de saúde com benzedeiros e parteiras

5.4.1 As parteiras

A maioria das mulheres questionadas que tinham filhos conheciam os trabalhos das parteiras, e tiveram todos ou os primeiros filhos com o auxílio da mesma. O sítio possuía uma parteira que veio a falecer anos atrás, conhecida como “Maria de Biu”, citada de maneira unânime pelos entrevistados, tanto por pessoas do sexo feminino como masculino. Relatou-se que, quando as mulheres estavam em trabalho de parto, chamavam essas parteiras para as suas casas, onde a mesma realizava diversas funções como exames de toque. A senhora M.J.R.S. (67 Anos) disse “*Meus filhos quase todos tive com uma parteira*” disse ela, além de citar alguns aparatos que elas utilizavam, como luvas e tesoura para cortar o cordão umbilical.

As garrafadas com plantas medicinais eram remédios recomendados pelas parteiras no pós-parto, como o intuito de prevenir possíveis infecções. Elas se apresentavam com espécies de plantas variadas: “*Fazia uma garrafada com arruda, cebola branca e mel de abelha pra limpar a barriga*” M.M.L. (86 anos). V.L.T.O.F. (52 anos) citou a combinação de arruda e hortelã-miúda no pós-parto. “*Cachaça, arruda, mel ou açúcar, alfazema e cebola branca*” foi outra associação relatada por M.J.O. (76 anos). Colaborando com os estudos de Barroso (2009) Souza (2018) e (Santos, Costa, Barros, 2017) em que os entrevistados citaram esse método terapêutico com indicação para a gestação durante o parto e pós parto.

Sobre as orações feitas durante o parto foi referido a duas divindades: Nossa senhora do Bom Parto e Santa Margarida. “*Elas colocavam uma oração no pescoço das mulheres quando a criança estava para nascer*” especificou M.J.R.S. (67 anos), que se tratava de um cordão com um saquinho que era colocado sobre o pescoço das mulheres, posteriormente, rezava uma oração na hora do parto de Santa Margarida. Citou um trecho da oração que ainda recordava “*Santa Margarida não tô prenha nem parida, tirai-vos essa carne morta de dentro da minha barriga*”.

Ao serem questionadas sobre a importância dessas pessoas na comunidade, afirmaram caso não existisse o trabalho delas muitas mulheres gestantes viriam a óbito. Enfatizaram que a falta dos médicos antigamente, e a dificuldade de locomoção para os hospitais nas cidades eram uma problemática naquele nesse tempo.

5.4.2 As benzedeadas

O povo local da comunidade nos dias atuais, recorrem a essa prática de irem às benzedeadas para o tratamento do mau olhado e vento caído, sendo que dentre os entrevistados duas mulheres alegaram que rezam as pessoas, ambas com perfis diferentes, a primeira possui ensino superior completo com 52 anos e a outra é aposentada e tem 67 anos de idade.

As doenças são diagnosticadas pelas benzedeadas através dos sintomas característicos que cada uma possui. O mau olhado é proveniente de uma admiração que uma determinada pessoa tem sobre qualquer aspecto do ser humano, manifestando sintomas como a sonolência, abrição de boca, inapetência e falta de ânimo. Enquanto, o vento caído é uma doença associada ao desarranjo intestinal e à desidratação, a criança adquire está doença a partir de susto, sendo caracterizada pela presença de vômito, seguido de diarreia de cor esverdeada (SILVA, 2014).

Muitas pessoas revelaram que possuem muita fé nas rezas e que já foram beneficiadas pela prática e/ou ainda recorrem quando não se sentem bem. *“Eu estava com muita falta de apetite e precisei me rezar”* declarou a senhora M.M.L., justificou que se deve ao fato de algumas pessoas que se admiraram da sua vitalidade aos 86 anos. A senhora S.R.L.M (75 anos) declarou que quando um dos seus filho era mais novo, chegou uma pessoa em sua casa e quando essa pessoa saiu o seu filho *“botou para morrer”*, vomitando, amarelo, suando e com desinteria, ela então chamou uma benzedeira, que rezou na criança e ele rapidamente apresentou uma melhora.

A benzedeira V.L.T.O de 52 anos declarou *“Eu sei rezar, de vez em quando chega alguém na minha casa me pedindo para eu rezar, dizendo que as orações servirão”*, a mesma disse que os sintomas seriam crianças sem sono e vomitando. Quando questionada com quem aprendeu essa prática, disse *“Eu aprendi escutando minha avó que também era benzedeira, eu só sei rezar olhado”*.

Outra benzedeira foi a senhora M.J.R.S, aposentada e com 67 anos de idade, explanou com riquezas de detalhes o seu trabalho, disse que já questionou a sua fé e possui gratidão quando as mães que precisaram do seu trabalho à agradecia e dizia que as suas crianças tinham melhorado.

“Eu rezo olhado em crianças e adultos, as vezes eu não quero nem ter fé na minha reza, mas quando rezo uma criança que ela está doentia e a vejo melhorar, aí eu sei que isso é maravilhoso. Já rezei crianças doentes, fraquinha, sem comer nada, e rapidinho elas melhoraram e as mães me agradecem”. M.J.R.S. 67 anos.

Ao ser questionada de quando percebeu que apresentava esse dom, ela explicou que:

“Eu tinha 25 anos e fiquei muito doente, daí a pouco, uma mulher me rezou e me ensinou as preces, disse que eu tinha que usar essas preces para fazer benefício para as pessoas que precisavam, é isso que faço e pretendo fazer até o dia que eu puder”.

As plantas citadas durante as orações foram Vassourinha (*Scoparia dulcis* L.) e Pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), no entanto, não sabia responder o porquê lhe recomendaram utilizar apenas essas plantas. Essas espécies também foram citadas no estudo de Nóbrega (2018), onde a vassourinha (n=19) foi a planta mais utilizada, seguida do Pinhão roxo (n=14).

Sobre as orações relatou que as preces são 5 pai nosso e 5 ave maria, entre essas preces tem umas palavras que são ditas, disse que não poderia informar quais palavras eram essas. Foi perguntado se durante o ritual ela sentia alguma coisa, a mesma respondeu que bocejava muito, olhos lacrimejando e até ânsia de vômito. Ao ser questionada a relação desses sintomas com as orações, respondeu que a pessoa que apresenta muito olhado, se sente como “*O olhado ta saindo do corpo da criança e indo para o meu, para eu jogar fora*”. A mesma indica que as mães usem nas crianças colônia de alfazema (03 gotas no banho da criança, e nos lençóis da criança). Além disso, a mesma recomenda que a pessoa venha três vezes para tratar o olhado completamente.

6 CONCLUSÃO

As informações apresentadas pelos indivíduos da comunidade Caracolzinho, demonstram amplo conhecimento sobre o uso de plantas medicinais, cultivadas em seus próprios quintais, para tratarem as suas enfermidades, sendo a maioria por mulheres com em média dois salários mínimos e com pouco grau de escolaridade, mas, que apresentam um extenso repertório de saberes que foram adquiridos ao longo dos anos, e vem se perpetuando para as novas gerações.

As espécies mais citadas entre os entrevistados foram a *Lippia alba* (Mill.) N. E. Br. 17,53%, conhecida popularmente como “Erva-Cidreira” da família Verbenaceae, seguida da *Cymbopogon citratus* 13,40%, vulgarmente chamada de “Capim-santo” pertencente a família Poaceae. A *Dieffenbachia picta* Schott. foi a principal planta tóxica que conheciam, e por muitas vezes presentes em algumas casas exercendo função ornamental. Em contrapartida, o conhecimento etnozoológico foi bem escasso, em razão das plantas serem o principal recurso que atendem as suas necessidades.

As parteiras desempenharam um papel heróico e essencial na vida dessas mulheres, apesar delas não possuírem instrução acadêmica. Apesar dos seus trabalhos não sejam mais realizados atualmente no local, é necessário a recordação da memória afetiva, e como o conhecimento transmitido à elas possibilitou bem-estar e segurança aos moradores na época.

O uso da fé como tratamento alternativo em algumas morbidades ainda é observado no local, a frequência de ir as benzedadeiras para curar o mau-olhado é comum, principalmente nas crianças menores levada pelos pais. Essa prática é procurada e as que possuem a aptidão em curar com orações exercem sua função, satisfazendo-se com a melhora e recuperação dos que lhe recorrem.

O conhecimento que as pessoas desse local conseguiram ao longo da vida, possibilitou que essas, driblassem as dificuldade de locomoção para área urbana para realizarem os tratamentos, pelo fato de possuírem as técnicas e saberes de como fazerem tratamentos eficazes em suas próprias casas.

REFERÊNCIAS

- AGRA, M. F.; BARACHO, G. S.; NURIT, K.; BASÍLIO, I. J. L. D.; COELHO, V. P. M. Medicinal and poisonous diversity of the flora of “Cariri Paraibano”, Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**. v.111, n.2, p. 383-395, 2007.
- AGUIAR, A. R.; ARAÚJO JÚNIOR, C. A. P.; FERREIRA, K. G. Percepção sobre anfíbios em estudantes universitários e populares de comunidades interioranas do estado do Rio Grande do Norte. *In*: SEABRA, G.; MENDONÇA, I. **Educação Ambiental: responsabilidade para a conservação da sociobiodiversidade**. João Pessoa: Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, 2011.
- ALBUQUERQUE, U. P.; SILVA, V. A.; CABRAL, M. C.; ALENCAR, N. L.; ANDRADE, L. H. C. Comparisons between the use of medicinal plants in indigenous and rural *caatinga* (dryland) communities in NE Brazil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**. v. 7, n. 3, p. 156-170, 2008.
- ALBUQUERQUE, U. P.; MEDEIROS, P. M.; ALMEIDA, A. L. S.; MONTEIRO, J. M.; LINS NETO, E. M. F.; MELO, J. G.; SANTOS, J. P. Medicinal plants of the caatinga (semi-arid) vegetation of NE Brazil: A quantitative approach. **Journal of Ethnopharmacology**. v. 114, n. 3, p. 325-354, 2007.
- ALBUQUERQUE, U. P.; SILVA, J. S.; CAMPOS, J. L. A.; SOUZA, R. S.; SILVA, T. C.; ALVES, R. R. N. The current status of ethnobiological research in Latin America: gaps and perspectives. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 9, n. 72, p. 1-9, 2013.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ALVES, A. G. C. What Is Ethnobiology? *In*: ALBUQUERQUE, U. P.; ALVES, R. R. N. **Introduction to Ethnobiology**. Switzerland: Springer, 2016.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C.; SILVA, A. C. O. Use of plant resources in aseasonal dry forest (Northeastern Brazil). **Acta Botanica Brasilica**. v. 19, n. 1, p. 27-38, 2005.
- ALMEIDA, A. V. A zooterapia adotada pelos médicos Simão Pinheiro Morão c. 1618–1685) e João Ferreyra da Rosa (c.1659–1725) em Pernambuco no final do século XVII. *In*: COSTA-NETO, E. M.; ALVES, R. R. N. **Zooterapia: os animais na medicina popular brasileira**. Recife: NUPEEA, 2010.
- ALMEIDA, A. V. Prescrições zoterápicas indígenas brasileiras nas obras de Guilherme Piso (1611–1679). *In*: ALVES, A. G. C.; LUCENA, R. F. P.; ALBUQUERQUE, U. P. **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. Recife: NUPEEA, 2005.

- ALMEIDA, C. B. R.; AMORIM, E. L. C.; ALBUQUERQUE, U. P.; MAIA, M. B. S. Medicinal plants popularly used in the Xingó region a semi-arid location in Northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. v. 2, n. 15, p 1-7, 2006.
- ALMEIDA, C. F. C. B. R.; ALBUQUERQUE, U. P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência**. v. 27, n. 6, p. 276-285, 2002.
- ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S. Etnozoologia: conceitos, considerações históricas. *In*: ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S. **Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas futuras**. Recife: NUPEEA, 2010.
- ANDERSON, E. N. Ethnobiology: Overview of a Growing Field. *In*: ANDERSON, E. N., *et al.* **Ethnobiology**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2011.
- ANTONIO, T. M. F. Insects as remedies for illnesses in Zaire. **The Food Insects Newsletter**, v. 7, n. 3, p. 4-5, 1994.
- BARBOSA, A.; OLIVEIRA, D. S. C.; OLIVEIRA, C. R. M. Uso tradicional da fauna silvestre do município de Lapão – Bahia. **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer**, v.10, n.18, p. 188-133, 2014.
- BARROSO, I. C. Os saberes de parteiras tradicionais e o ofício de partejar em domicílio nas áreas rurais. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 1, n. 2, p. 1-14, 2009
- BASTOS, G. M. **Uso de Preparações Caseiras de Plantas Medicinais Utilizadas no Tratamento de Doenças Infecciosas**. 2007. Dissertação (Mestrado em em Ciências Farmacêuticas) - Universidade Federal do Ceará. Universidade Federal do Ceará, p. 108. 2007.
- BEGOSSI, A. Use of ecological methods in ethnobotany: diversity indices. **Economic Botany**, v. 50, n. 3, p. 280-289, 1996.
- BORGES, R. R. **Uma análise no feminino artes e ofícios de cura: benzedeadas e parteiras de Ituiutaba - 1950/2006**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2007.
- BRETT, J. A.; HEINRICH, M. Culture, perception and the environment: the role of chemosensory perception. **Angewandte Botanik**, v. 72, p. 67-69, 1998.
- CARMO, R. A. **Estudo Etnofarmacológico das Plantas Medicinais Utilizadas Pela População com Hipertensão Arterial Sistêmica da Unidade de Saúde de Andorinhas No Município de Vitória – ES**. 2006. 118f. Dissertação (Pós-Graduação em Ciências Fisiológicas) – Universidade Federal do Espírito, Vitória, 2006.

CARMO, S. A. P.; FONSECA, I. M. S. P.; ROSA, I. M. N. G. Caracterização dos cães de assistência (cães-guia, cães para surdos e cães de serviço) em Portugal. **Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias**, Lisboa, v. 109, n. 589-590, p. 43-50, 2014.

CARTAXO, S. L.; SOUZA, M. M. A.; ALBUQUERQUE, U. P. Medicinal plants with bioprospecting potential used in semi-arid northeastern Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**. v. 131, n. 2, p. 326-342, 2010.

CHAVES, E. M. F. **Florística e potencialidades econômicas da vegetação de Carrasco no Município de Cocal, Piauí, Brasil**. 2005. 112f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

CHEN, C.; CHONG, Y. J.; HIE, S. L.; SULTANA, R.; LEE, S. H. D.; CHAN, W. S. D.; CHAN, S. Y.; CHEONG, H. H. Complementary and alternative medicines use among pediatrics patients with epilepsy in a multiethnic community. **Epilepsy & Behavior**, v. 60, p. 68-74, 2016.

CLÉMENT, D. The historical foundations of Ethnobiology (1860–1899). **Journal of Ethnobiology**, v. 18, n. 2, p. 161-187, 1998.

COSTA-NETO, E. M. A etnozoologia no Brasil: um panorama bibliográfico. **Biooikos**, PUC Campinas, v. 14, n. 2, p. 31-45, 2000.

COSTA-NETO, E. M.; OLIVEIRA, M. V. M. The Use of Medicinal Plants in the Country of Tanquinho, State of Bahia, Northeastern Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. v. 2, n. 2, p. 1-8, 2000.

CPRM - Serviço Geológico do Brasil (Org.). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Gado Bravo, estado da Paraíba**. Recife, 10 p. 2005.

D'AMBROSIO, U. Theoretical reflections on ethnobiology in the third millennium. **Contributions to Science**, Barcelona, v. 10, n. 1, p. 49-64, 2014.

DAVID, M. **Os Recursos vegetais e a Etnobotânica em quintais urbanos de Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil**. 2015. 121 f. Dissertação (Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais) - Faculdade de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2015.

DEMO, P. Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Revista Latino Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v.6, n.2, p. 89-104, 1998.

DIEGUES, A.C.S. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

DIOGENES, M. J. N.; MATOS, F. J. A. Dermatite de contato por plantas (DCP) - **Revista Brasileira Dermatologia**. Rio de Janeiro, v. 74, n. 6, p. 629-634, 1999.

ERNST, E. Serious adverse effects of unconventional therapies for children and adolescents: a systematic review of recent evidence. **European Journal of Pediatrics**, v. 162, n. 2, p. 72-80, 2003

FONSECA-KRUEL, V. S.; PEREIRA, T. S. **A etnobotânica e os jardins botânicos. Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife: Nupeea, 2009.

FORD, R. I. Ethnobotany: historical diversity and synthesis. *In*: FORD, R. I.; HODGE, M.; MERRIL, W. L. **The nature and status of ethnobotany**. Michigan: University of Michigan, Museum of Anthropology, 1978.

FORD, R. I. History of Ethnobiology. *In*: ANDERSON, E. N., *et al.* **Ethnobiology**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2011.

FRANCO, E. A.; BARROS, R. F. M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. Botucatu, v. 8, n. 3, p. 78-88, 2006.

GADO BRAVO. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gado_Bravo. Acesso em: 07 jul. 2019.

GELCICH, S. *et al.* Engagement in co-management of marine benthic resources influences environmental perceptions of artisanal fishers. **Environmental Conservation**, v. 35, n. 1, p. 36-45, 2008.

GHOSH, A. K.; MAITI, P. K. Investigation of some animal drugs (mammals) used by the tribal people in India. *In*: JAIN, S. K. **Ethnobiology in human welfare**. New Delhi: Deep Publications, 1996.

GONÇALVES, M. I. A.; MARTINS, D. T. O. Plantas medicinais usadas pela população do município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso. **Rev. Bras.Farm.** v. 9, n. 3, p. 56-61, 1998.

HARSHBERGER, J. W. The Purposes of Ethno-Botany. **Botanical Gazette**, v. 21, n. 1, p. 146-154, 1896.

HEINRICH, M. Ethnopharmacology: A Short History of a Multidisciplinary Field of Research. *In*: HEINRICH, M.; JÄGER, A. K. **Ethnopharmacology**. Chennai: Wiley Blackwell, 2015.

HEYWOOD, V. H. Biodiversity, Conservation and Ethnopharmacology. *In*: HEINRICH, M.; JÄGER, A. K. **Ethnopharmacology**. Chennai: Wiley Blackwell, 2015.

HIDAYATI, S.; FRANCO, F. M.; BUSSMANN, R. W. Ready for phase 5 - current status of ethnobiology in Southeast Asia. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 11, n. 17, p. 1-8, 2015.

HUIS, A. V. The traditional use of arthropods in subsaharan Africa. **Proceedings of the section Experimental and Applied Entomology of the Netherlands Entomological Society (N.E.V.)**, Amsterdam, v. 7, p. 3-20, 1996.

HUNTINGTON, H. P. Using Traditional Ecological Knowledge in Science: Methods and Applications. **Ecological Applications**, v. 10, n. 5, p. 1270-1274, 2000.

IBGE. **Gado Bravo**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/gado-bravo/panorama>. Acesso em: 10 jul. 2019.

ISE. **ISE history**. Disponível em: <http://www.ethnobiology.net/what-wedo/>. Acesso em: 28 jul 2020.

JÄGER, A. K. Medicinal Plant Research: A Reflection on Translational Tasks. *In*: HEINRICH, M.; JÄGER, A. K. **Ethnopharmacology**. Chennai: Wiley Blackwell, 2015.

JOHNS, T. **With Bitter Herbs They Shall Eat It**: Chemical Ecology and the Origins of Human Diet and medicine. Tucson: University of Arizona Press, 1990.

LEONTI, M.; CASU, L. Traditional medicines and globalization: current and future perspectives in ethnopharmacology. **Frontiers in Pharmacology**, v. 4, n. 92, p. 1-13, 2013.

LIMA, A. R. A.; DIAS, N. S.; LOPES, L. B.; HECK, R. M. Necessidades de saúde da população rural: como os profissionais de saúde podem contribuir? **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 122, p. 755-764, 2019.

LIMA, J. R. B.; FLORÊNCIO, R. R.; SANTOS, C. A. B. Contribuições da etnozootologia para a conservação da fauna silvestre. **Revista Ouricuri**, Paulo Afonso, v. 4, n. 3, p. 48-67, 2014.

MACIEL, M.; GUARIM NETO, G. Um olhar sobre as benzedadeiras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas. Belém, v. 2, n. 3, p. 61-77, 2006.

MAGALHÃES, A. **Perfil etnobotânico e conservacionista das comunidades do entorno da reserva natural Serra das Almas, Ceará –Piauí, Brasil**. 2006. 68f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e meio ambiente) -Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

MARINHO, M. G. V.; SILVA, C. C.; ANDRADE, L. H. C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 13, n. 2, p. 170-182, 2011.

MARQUES, F. C. **Biodiversidad y Salud: casos de trabajos comunitarios de mujeres agricultoras en la Región Sur de Brasil**. In: VIII Congreso Científico de Sociedad Española de Agricultura Ecológica, 8. Congreso Iberoamericano Agroecología, 4. Encuentro Internacional de Estudiantes de Agroecología y afines, 2, 2008, Bullas, España.

MARQUES, F. C.; BENVENÚ, V. C.; ERICE, A. S.; DE CARLI, A. N. As Mulheres e as Planta Medicinai: Reflexões sobre o Papel do uidado e suas implicações. **Revista Retratos de Assentamentos**, v.18, n.1, p. 155-181, 2015.

MATOS, P. F.; PESSÔA, V. L. S. **Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia agrária**. In: RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Orgs.) Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis Editora, 2009.

McKENZIE, R. A.; FRANKE, F. P.; DUNSTER, P. J. The toxicity to cattle and bufadienolide content of six Bryophillum species. **Australian Veterinary Journal**, v. 64, n. 10, p. 298-301, 1987.

MEDEIROS, M. F. T.; ALBUQUERQUE, U. P. Food flora in 17th century northeast region of Brazil in Historia Naturalis Brasiliae. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 10, n. 50, 2014.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MELO, A. C. B.; ARAUJO, F. L.; FREIRE, J. E.; BRAGA, P. E. T. O conhecimento popular acerca dos insetos no município de Cariré, Ceará, Brasil. **Ciência e Natura**, v. 37, n. 2, p. 253-260, 2015.

MINAYO, M.C.S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MING, L. C.; AMARAL JUNIOR, A. **Aspectos etnobotânicos de plantas medicinais na Reserva Extrativista "Chico Mendes"**. 1995. 180f. Tese (Doutorado em Botânica) - Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, UNESP, Botucatu, 1995.

MORAIS, S. M.; DANTAS, J. D. P.; SILVA, A. R. A.; MAGALHÃES, E. F. Plantas medicinais usadas pelos índios Tapebas do Ceará. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. v. 2, n. 15, p. 169-177, 2005.

MOREIRA, R. C. T.; COSTA, L. C. B.; COSTA, R. C. S.; ROCHA, E. A. Abordagem Etnobotânica acerca do Uso de Plantas Medicinai na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farm. Bonaerense**, v. 21, n. 3, p. 205-211, 2002.

MOSCA, V. P.; LOIOLA, M. I. B. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**. v. 22, n. 4, p. 225-234, 2009.

NÓBREGA, J. Y. L. **Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em rezas e benzeduras em municípios do sertão paraibano**. 2018. Dissertação (Mestrado em Sistemas Agroindustriais) - Universidade Federal de Campina Grande. Pombal, 2018.

NOLAN, J. M.; TURNER, N. J. Ethnobotany: The Study of People–Plant Relationships. *In*: ANDERSON, E. N., *et al.* **Ethnobiology**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2011.

OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 245-251, 2009.

PONTES, A. G. V.; RIGOTTO, R. M.; SILVA, J. V. Necessidades de saúde de camponeses em conflito ambiental frente à instalação de Perímetros Irrigados. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 5, p. 1375-1386, 2018.

POSEY, D. A. Introdução - Etnobiologia: teoria e prática. *In*: RIBEIRO, D.; RIBEIRO, B. G. **Suma Etnológica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, v. 1, 1986.

RIBEIRO, K. V. **Etnobotânica em quintais rurais de duas comunidades situadas no município de Amarante, Piauí, Brasil**. 2018. 141f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

RODRIGUES, A. **Conhecimentos etnozoológicos de estudantes de escolas públicas sobre mamíferos aquáticos que ocorrem na Amazônia**. 2015. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa do Comportamento) – Universidade Federal do Pará. Belém, p. 174. 2015.

ROQUE, A. A. **Potencial de usos dos recursos vegetais em uma comunidade rural do semi-árido do Rio Grande do Norte**. 2009. 79f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento em Meio Ambiente) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

SALES, M. D. C.; SARTOR, E. B.; GENTILLI, R. M. L. Etnobotânica e etnofarmacologia: medicina tradicional e bioprospecção de fitoterápicos. **Revista Salus Journal of Health Science**, v. 1, n. 1, p. 17-26, 2015.

SANTOS, A. M. S.; COSTA, E. M.; BARROS, F. B. As parteiras e a arte de fazer partos em perspectivas cosmológicas na Ilha do Marajó. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 49, p. 201-218, 2017.

SCAVONE, O.; PANIZZA S. **Plantas Tóxicas**. São Paulo: CODAC/USP, 1981.

SILVA, C. G.; MARINHO, M. G. V.; LUCENA, M. F. A.; COSTA, J. G. M. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Campinas, v. 17, n. 1, p.133-142, 2015.

SILVA, N. T. **Práticas de cura e benzeduras e suas representações: o caso do Distrito de Santa Luzia do Cariri - PB**. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) - Universidade Federal de Campina Grande. Sumé. 2014.

SOBRAL, A.; ALBUQUERQUE, U. P. History of Ethnobiology. *In*: ALBUQUERQUE, U. P.; ALVES, R. R. N. **Introduction to Ethnobiology**. Switzerland: Springer, 2016.

SOLDATI, G. T. Local or Traditional Knowledge Transmission and Natural Resource Use. *In*: ALBUQUERQUE, U. P.; ALVES, R. R. N. **Introduction to Ethnobiology**. Springer: Switzerland, 2016.

SOUSA, T. M. **O cuidado oferecido por parteiras tradicionais: Redes de Saber, Cuidado e Integralidade na Atenção à Gestação, ao Parto e ao Puerpério**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Instituto Leônidas e Maria Deane. Manaus. 2018.

SOUZA, A. N. J.; BULHÕES, R. S.; DOCIO, L. Conexões homem-animal: caracterização do conhecimento etnozoológico de uma comunidade rural no nordeste do Brasil. **Etnobiolog a**, v. 13, n. 3, p. 38-53, 2015.

SVANBERG, I.; LUCZAJ, L.; PARDO-DE-SANTAYANA, M.; PIERONI, A. History and Current Trends of Ethnobiological Research in Europe. *In*: ANDERSON, E. N.; PEARSALL, D. M.; HUNN, E. S.; TURNER, N. J. **Ethnobiology**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2011.

TEIXEIRA, S. A.; MELO, J. I. M. Plantas medicinais utilizadas no Município de Jupi, Pernambuco, Brasil. **Iheringia**. v. 61, n. 1, p. 5-11, 2006.

THOMPSON, J. C. **Gitga'at Plant Project: The Intergenerational Transmission of Traditional Ecological Knowledge Using School Science Curricula**. 2004. Thesis (Master of Science) - University of Victoria. Victoria. 2004.

TURNER, N. J.; MARSHALL, A.; THOMPSON, J. C.; HOOD, R. J.; HILL, C.; HILL, E. "Ebb and Flow": Transmitting Environmental Knowledge in a Contemporary Aboriginal Community. *In*: LUTZ, J. S.; NEIS, B. **Making and Moving: Interdisciplinary and Community-based Research in a World on the Edge**. Montreal and Kingston: McGill-Queen's University Press, 2008.

VASCONCELOS, J. C. G.; MENDES, A. M. C. M. **Levantamento das plantas ornamentais das praças públicas de Belém/PA**. Monografia (Bacharelado Ciências Biológicas). Universidade Federal do Par , Belém, 1998.

WANDERSEE, S. M.; AN, L.; LÓPEZ-CARR, D.; YANG, Y. Perception and decisions in modeling coupled human and natural systems: a case study from Fanjingshan National Nature Reserve, China. **Ecological Modelling**, v. 229, p. 37-49, 2012.

WEISS, H. B. Entomological medicaments of the past. **Journal of the New York Entomological Society**, New York, v. 55, n. 2, p. 155-168, 1947.

WOLVERTON, S.; NOLAN, J. M.; AHMED, W. Ethnobiology, Political Ecology, and Conservation. **Journal of Ethnobiology**, v. 34, n. 2, p. 125-152, 2014.

APÊNDICE A

FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS

Entrevistador: _____

Data: ___/___/_____

I. Dados de identificação

1. Qual o seu nome completo? (Para identificação colocar apenas as iniciais)
2. Qual a sua idade?
3. Sexo (observar e anotar):
(1) masculino (2) feminino
4. Até que série o sr (a) estudou?

II. Dados socioeconômicos

5. Quantas pessoas moram na sua casa? (incluir o entrevistado e empregado fixo se houver)
6. Quantas pessoas na sua casa estão trabalhando?
7. Qual a renda mensal de todos os moradores?

III. Coleta de Dados do Estudo Etnobotânico

III.a. Conhecimento sobre plantas medicinais

8. O sr (a) conhece alguma planta utilizada pra fazer remédio?
(1) Não (2) Sim

9. Em caso afirmativo, quais?

NOME	INDICAÇÕES	PARTE DA PLANTA UTILIZADA/ FRESCA OU SECA	COMO COLETAR	MODO DE PREPARAR	POSOLOGIA (COMO USAR)	ONDE POSSO ENCONTRAR (JARDIM, QUINTAL, ROÇADO, OUTROS)

10. Existem plantas que o(a) Sr(a) usava e não encontra mais? Por que?
11. Com quem o(a) Sr(a) aprendeu?
() Pais () Avós () Outros familiares () Outras pessoas
12. O senhor (a) já ensinou/compartilhou com alguém esse conhecimento/prática?
() Sim () Não
13. Se sim, quem?
() familiares () vizinhos () pessoas de outra localidade

III.b. Conhecimento sobre plantas tóxicas

14. O Sr (a) conhece alguma(s) planta(s) que podem envenenar?
 Sim Não
15. Em caso afirmativo, quais? E qual parte da planta?
16. Onde elas são encontradas?
17. Existe tratamento para melhorar desse envenenamento? Se sim, qual?
18. O senhor(a) já ensinou/compartilhou com alguém esse conhecimento/prática?
 Sim Não
19. Se sim, qual?

IV. Coleta de dados do estudo etnozoológico

20. O(a) Sr(a) conhece algum animal (bicho) ou inseto (aqui estarão incluídos os aracnídeos) utilizados pra fazer remédio?
 Não Sim

21. Em caso afirmativo, quais?

NOME	INDICAÇÕES	PARTE DO ANIMAL UTILIZADO/ FRESCO OU SECO	COMO COLETAR	MODO DE PREPARAR	POSOLOGIA (COMO USAR)	ONDE POSSO ENCONTRAR (JARDIM, QUINTAL, ROÇADO, OUTROS)

22. Existem bichos que o(a) Sr(a) usava e que não encontra mais? Por que?
23. Com quem o (a) Sr (a) aprendeu?
 Pais Avós Outros familiares Outras pessoas
24. O senhor(a) já ensinou/compartilhou com alguém esse conhecimento/ prática?
 Sim Não
25. Se sim, quem?
 familiares Vizinhos pessoas de outras localidades

IV. Coleta de dados do estudo sobre práticas de saúde com benzedeiras e parteiras

26. O(a) Sr(a) já conheceu ou conhece alguma parteira? Como é(era) o trabalho dela?
27. Qual a importância que O(a) Sr(a) acha do trabalho destas pessoas?
28. O Sr(a) sabe informar se existe ou existia alguma prece, uso de plantas, ritual que era feito para melhorar o trabalho de parto?
29. Qual a importância que o Sr(a) acha do trabalho destas pessoas?
30. O(a) Sr(a) sabe informar se existe ou existia alguma prece, uso de plantas, ritual que era utilizado como forma de tratamento de benzedeira?